EMÍDIO FERNANDO

JONAS SAVIMBI

NO LADO ERRADO DA HISTÓRIA

D.QUIXOTE

ÍNDICE

O peixe dentro de água 11
Angola no centro do *annus horribilis* português 23
A luta no berço dos protestantes 37
Dividido entre o MPLA e a UPA 55
Tática, paixões e traições 65
Enfim, o sonho realizado 79
As primeiras deserções e traições 93
A aliança com os colonos 107
Beijando o inimigo 115
Perdido no seu próprio labirinto 131
25 de abril estraga estratégia 143
Atrasado para a guerra total 157
Independência de «fachada» 169
A longa marcha até à Jamba 179
Deus não cabe na revolução 187
A Jamba, o terror no paraíso 195
Com o Mundo a seus pés 203
Purgas, atentados e paranóias 217
Os sinuosos caminhos para a paz 231
Coração na paz, olhos na guerra 243
A paz a dançar numa corda 253

Fora de controlo 265
O homem das grandes recusas 281
A curva mais apertada da história da UNITA 293
A fé inabalável na morte 307

Anexos 317

Bibliografia 353

Índice Onomástico 359

Agradecimentos 367

O PEIXE DENTRO DE ÁGUA

Inspirado na doutrina de Mao Zedong, Jonas Savimbi regressa às matas de Angola, em março de 1966, com a intenção de fundar um movimento: a UNITA, União Nacional para a Independência Total de Angola. Já trazia na cabeça o nome da organização, os seus princípios e as normas com que iria funcionar. Entra pelo interior angolano, depois de sete anos no estrangeiro, agarrado a um pensamento maoista, ensinado a todos os guerrilheiros e candidatos a combatentes que a China acolhia e dava instrução militar: "um guerrilheiro tem de ter a mobilidade de um peixe dentro de água".

Com a doutrina bem aprendida, Savimbi começa a germinar o que dizer aos seus companheiros de luta, guerrilheiros forjados uns na China, outros apenas nas matas angolanas, no I Congresso da organização realizado, entre 11 a 13 de março de 1966, em Muangai, Leste do país, que marca a fundação da UNITA.

Antes de chegar aqui, Jonas Savimbi completou um percurso que o levou a contactar movimentos, governos africanos e dirigentes nacionalistas angolanos e estrangeiros que combatiam o colonialismo. Mostra, desde muito novo, a sua ambição. Passa pelo ainda incipiente MPLA, formado nos finais de 1950, junta-se à UPA,

que já mostra garras de combate com os ataques efetuados 15 de março de 1961, tenta recolher apoios na União Soviética e nas viagens a Berlim, Praga, Budapeste e Varsóvia, recebe ajudas da China, Congo (futuro Zaire), Egito, Marrocos e Tanzânia. É membro da FNLA e ministro do seu governo revolucionário. Volta ao MPLA e, de novo, afasta-se.

Quase uma semana antes da data prevista para a realização do Congresso, a 7 de março de 1966, ordena que todos os comandantes daquela região se reunam em Muangai, na província do Moxico. Muitos deles já tinham sido forjados numa academia chinesa. Tentavam organizar-se, mas ainda sem declarar guerra às tropas coloniais portuguesas. O congresso realiza-se com a participação de 170 delegados, em plena mata cerrada, sem «gala e sem propaganda» como descreve um dos fundadores do movimento, José Samuel Chiwale:

> O cenário do Congresso foi simples: o dr. Savimbi estava sentado ao lado de uma grande tenda; acompanhavam-no, diante dele, alguns membros mais destacados, acomodados em cadeiras feitas de caules de árvores. À volta, estavam, de pé, centenas de populares [1]

No congresso, que decorreu durante dois dias, e para a História do Movimento, são registados, como fundadores e cofundadores, 18 dirigentes, entre comandantes militares e militantes que se movimentavam no estrangeiro:

Jonas Malheiro Savimbi
João José Liahuca
Tony da Costa Fernandes
David Jonatão Chingunji («Samuimbila»)
José Samuel Chiwale

[1] CHIWALE, Samuel, *Cruzei-me com a História*, Lisboa, Sextante Editora, 2008.

Samuel Piedoso Chinguni («Cafundanga»)
Miguel N'Zau Puna
Ernesto Joaquim Mulato
Alexandre Magno Chinguto
Pedro Paulino Moisés
José Kalundungu
Jacob Hossi Inácio
Jeremias Kussia Nundu
Nicolau Biacho Tchiuca
Isaías Mussumba
Mateus Bundua
Samuel Chivava Muanangola
Tiago Sachilombo

É aprovado um conjunto de documentos, dividido em cinco princípios gerais que definem a luta da UNITA; é interpretado o que seria a futura Angola independente; firmam-se os estatutos do movimento denominados de «Projeto dos Conjurados do Movimento de 13 de março», que definia a matriz da UNITA; estabelecem-se em sete princípios ideológicos; expõe-se a estrutura dirigente e administrativa do movimento; traça-se no mapa do Leste de Angola, as regiões militares e áreas de expansão; e funda-se o embrião do que, mais tarde, viriam a ser as FALA, Forças Armadas de Libertação de Angola, o braço-armado da UNITA.

Miguel N'Zau Puna assume, desde a primeira hora, o cargo de secretário-geral e Samuel Chiwale, o comandante-geral das futuras tropas que iriam ser criadas.

Quase no final do congresso, um dos delegados arrisca perguntar a Jonas Savimbi onde é que os militantes – e o próprio movimento – iriam buscar armamento. Faltam na altura os apoios financeiros e a possibilidade da UNITA se movimentar de forma a poder comprar, no exterior, armas e fardamento. A resposta é rápida, cheia de

figuras de estilo, entre imagens, metáforas e comparações, que vão constituir, no futuro, as marcas distintivas dos discursos de Savimbi:

> A minha resposta é só uma: às vossas aldeias. Vamos começar a luta com as armas que vocês têm. O que é que vocês utilizam para abrir uma larva na mata? Não é a enxada e o machado? Será que está aqui alguém que consegue cortar os troncos das árvores sem um machado? Será que está aqui alguém que consegue cavar sem um machado? E na caça, como é que os vossos filhos a fazem, não é com a seta e o arco? Pois será com essas armas que iremos iniciar a luta armada: com as catanas, os canhangulos e as azagaias. Também vamos contar com a vossa experiência na caça. A única diferença será que não caçaremos bambis, mas kaputus[2].

Os princípios ideológicos são aprovados no segundo dia de trabalhos, dedicado sobretudo à definição da matriz da UNITA, marcadamente traçada pelo pensamento chinês de Mao Zedong. Dos 18 fundadores e cofundadores, oito tinham frequentado as academias militares chinesas. Daí que a UNITA tenha encontrado, como manancial ideológico, sete princípios básicos:

1 – Contar essencialmente com as nossas próprias forças
2 – Mobilizar os camponeses guiados por um partido revolucionário
3 – Fazer a guerra no contexto atual de Angola
4 – Aplicar uma ideologia válida a todas as circunstâncias
5 – Formar uma frente democrática
6 – Juntar-se ao povo do interior do país
7 – Priorizar o guerrilheiro

[2] Expressão usada para definir o colono, palavra originária de «puto» (Portugal em umbundo). (N. do A.)

Estes princípios passam a integrar um conjunto de valores definidos pela UNITA aos quais, para além da influência maoista, são acrescentadas algumas ideias repescadas às democracias ocidentais:

1 – Liberdade e independência total para os homens e mulheres e para a Pátria-Mãe.
2 – Democracia assegurada pelo voto do povo através de vários partidos políticos.
3 – Soberania expressa e impregnada na vontade do povo de ter amigos e aliados primando sempre pelos interesses angolanos.
4 – Igualdade de todos os angolanos na pátria do seu nascimento.
5 – Na busca de soluções económicas, priorizar o campo para beneficiar a cidade.

Militarmente, a UNITA retalha o mapa do Leste de Angola, especialmente em toda a linha de fronteira com a Zâmbia, atingindo parte da fronteira com o Zaire, em seis regiões, simplesmente denominadas «Regiões Militares», cada uma delas chefiada por um coordenador político-militar. Consolida-se assim a criação da UNITA que, no terreno de oposição a Portugal, viria a juntar-se à FNLA, antiga UPA, e ao MPLA. No entanto, logo nos seus primeiros passos, revela-se um terrível e temível adversário para aqueles dois movimentos.

Jonas Malheiro Savimbi, aos 32 anos, atingia a sua grande e almejada glória ao ser eleito, por unanimidade e aclamação, presidente de uma nova organização política, precisamente na mesma região onde viria a ser abatido 36 anos depois. Mais tarde, assumia que a ideia de criar um novo movimento nascera em Champaix, uma vila na Suíça, em conversas com Tony da Costa Fernandes e foi aí que os seus estatutos começaram a ser redigidos por ambos[3].

[3] GUERRA, João Paulo, *Savimbi, vida e morte*, Lisboa, Bertrand, 2002.

Jonas Savimbi anda a preparar a criação de um novo movimento há mais de dois anos. Desde 1964 que estabelece fortes contactos com o Partido Comunista Chinês, depois de fazer várias incursões pelos países do Leste europeu, sem, no entanto, ter obtido o sucesso desejado. Tanto em Moscovo, como em Berlim ou em Praga, os dirigentes destes países recomendam-lhe que se funda ao MPLA ou à FNLA, que já se organizavam e combatiam no terreno. A FNLA, criada através das bases da UPA (União dos Povos de Angola) e da antiga UPNA (União dos Povos do Norte de Angola), foi fundada em 1954 e tem também como objetivo a independência do Congo. Desde essa altura, vive acantonada no Norte e Leste de Angola, aproveitando a «livre» circulação que goza na fronteira com o Zaire, graças aos apoios do poder de Leopoldville. O MPLA, sobretudo formado na elite negra luandense e nos estudantes angolanos que se encontram no estrangeiro, tenta organizar-se no interior de Angola, sobretudo a Norte, na fronteira com o Congo-Brazaville e em Cabinda. Aliado à União Soviética e aos movimentos pró-comunistas africanos, conta com fortes apoios, direcionados para os seus dirigentes, que lhes permitem viver e circular no estrangeiro.

O problema maior reside no combate efetivo contra Portugal, mas dentro do território angolano. Essa maior fragilidade não escapa às ambições de Jonas Savimbi e é o seu principal – e praticamente único – «cavalo de batalha».

Ainda estudante numa faculdade da Suíça, Savimbi tenta integrar-se primeiro, no MPLA, influenciado por nacionalistas angolanos que conheceu e com quem contactou em Portugal. Depois entra na UPA-FNLA, quando percebe que o movimento de Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz e Lúcio Lara não lhe dará um cargo de alta responsabilidade como tanto almeja. Mesmo assim, estabelece contactos com os partidos comunistas que lideram os governos dos países socialistas, especialmente do Leste

europeu. É através deles que faz um périplo, ainda em 1964, pela União Soviética, Hungria e República Democrática Alemã.

Como ele próprio iria revelar mais tarde, todos os dirigentes, com quem contactara, tentam incorporá-lo no MPLA, prometendo-lhe que iria assumir altos cargos dirigentes. Nos argumentos, alegavam que dois movimentos, a combater os portugueses, seriam suficientes. Mas Savimbi tem outro entendimento e outras pretensões. Na UPA-FNLA, chega a exercer o cargo de secretário-geral, numa primeira fase, e depois ministro dos Negócios Estrangeiros do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio), criado pelo líder da FNLA, Holden Roberto, com o apoio do regime de Leopoldville, que governava o Congo desde a independência. O movimento é, quase na sua totalidade, composto por bakongos, tanto angolanos como os que viviam da parte de lá da fronteira, ou seja, em território congolês. A hegemonia bakongo serve-lhe para se afastar da FNLA, sob o pretexto de não querer fazer parte de uma organização «tribalista»[4].

Enquanto, em Angola, começam a consolidar-se os movimentos de libertação, a Tanzânia, alcançada a independência a 26 de abril de 1964, passa a ser um viveiro de *freedoms fighters* africanos, incentivados pelo novo presidente e um dos mentores dos nacionalistas africanos, Julius Nyerere. Instalam-se ali bases militares onde circulam dirigentes da SWAPO, do SudOeste Africano (futura Namíbia), do ANC, da África do Sul, da FRELIMO, de Moçambique, da ZAPU e da ZANU, da Rodésia do Norte, do PAIGC, de Cabo Verde e Guiné-Bissau e até do Movimento de Libertação do Sudão.

Integrados pela SWAPO, algumas dezenas de angolanos fugidos à perseguição da PIDE e apoiados por igrejas protestantes, onde aliás estudaram nas suas missões, encontram na Tanzânia um porto de abrigo. Com os guerrilheiros da futura Namíbia, na região de

[4] Carta de Jonas Savimbi a Holden Roberto, citada pelo presidente da FNLA, em entrevista à Rádio Nacional de Angola.

Kongwa, os angolanos aprendem técnicas de guerrilha, mas sem estarem organizados em qualquer movimento. Entre eles, destacam-se Samuel Chiwale, Tiago Sachilombo, David Chingunji e o irmão Samuel, entre outros. Todos eles partilham características comuns: são oriundos da região centro de Angola e originários dos povos ovimbundus; não possuem qualquer filiação em movimentos de libertação; e estudaram nas missões protestantes lideradas por pastores vindos dos Estados Unidos e Canadá.

Através da SWAPO, e com o devido apoio de Julius Nyerere, Jonas Savimbi começa a aproximar-se desses angolanos, tentando cativá-los para um novo movimento e para a guerrilha. Em janeiro de 1965, consegue juntá-los numa base da SWAPO. O encontro, que os namibianos classificaram como a «reunião com o "internacionalista" [5]», durou oito horas. Desde o primeiro momento que Jonas Savimbi não esconde o que o levou ali: recrutar angolanos para a criação de um movimento que combatesse, no terreno e no interior de Angola, as tropas portuguesas. Logo ali, aplica o que aprendera durante os três meses que passara, no ano anterior, na Academia de Nanquim, na China:

> Qualquer dirigente que se preze, se quiser libertar o seu país, não pode lutar a partir de fora. Tem de estar junto do seu povo; tem de viver as mesmas agruras, tem de passar pelas mesmas peripécias, pois só assim o povo terá confiança nele. Agora se você, como dirigente, vive no exterior e, de quando em vez, entra no país apenas para dar uns tirinhos e depois foge, isso não é lutar, é fazer manobras de diversão.

O discurso de Jonas Savimbi e as discussões que se seguiram têm, antes de mais, a virtude de fortalecer a admiração que aqueles

[5] CHIWALE, S., *Cruzei-me com a História*, Lisboa, Sextante Editora, 2008.

homens já sentiam por ele. Ouviam falar das suas viagens, através de dirigentes de diversos movimentos africanos – daí o epíteto de «internacionalista» – pasmavam-se por saber que ele falava, além da sua língua materna, português, francês e inglês e respeitavam-no por ser dos poucos negros que conseguiu estudar na metrópole, ultrapassando várias barreiras, desde a cor da pele às oportunidades.

Na preleção aos futuros guerrilheiros, Savimbi fala, pela primeira vez, na constituição de uma força militar capaz de apoiar o movimento político. Logo ali, faz referência à possibilidade da organização poder adotar o nome de FALA, Forças Armadas de Libertação de Angola.

Simultaneamente, os discursos mostram, cada vez mais, a clivagem que o separa do MPLA e da FNLA, cujos dirigentes viviam a maior parte do tempo fora de Angola. Savimbi ensaia ali também a principal estratégia da UNITA que viria a durar até 2002.

Fundada a UNITA, em março de 1966, a sua primeira ação militar ocorreu a 18 de setembro, portanto seis meses após a constituição formal do movimento, com um ataque a Kaungula, uma pequena vila também habitada por comerciantes portugueses. Horas depois, outro destacamento atacou um posto administrativo português, em Mitete, a 12 quilómetros da fronteira com a Zâmbia. A conivência e o apoio das autoridades zambianas havia muito que eram evidentes. Colaboravam na própria consolidação, no terreno, das tropas da UNITA. Um mês depois, a 14 de outubro, acontece o primeiro ataque a um aquartelamento português, em Mussuma. Numa rápida investida, 40 homens matam um cabo da tropa colonial e conseguem apreender a primeira arma à tropa portuguesa: uma metralhadora G3, fabricada na Alemanha, e o tipo de arma mais usado pelos militares coloniais.

Entre 18 de setembro a finais de novembro, os novos guerrilheiros da UNITA, sempre chefiados por antigos formandos da China, desencadeiam mais três ataques e duas emboscadas na região ao

redor da antiga cidade Teixeira de Sousa, hoje Lumbala N'Gimbo. A primeira participação de Jonas Savimbi, na guerra, acontece a 4 de dezembro de 1966, num ataque ao posto de Cassamba. O líder da UNITA repetiu o feito no dia de Natal, a 25 de dezembro, atacando, de novo, a cidade Teixeira de Sousa. A investida em pleno dia de Natal passa, de acordo com o líder da UNITA, a ser «um marco principal que o povo de Angola traçou com o seu próprio sangue» e que «correspondeu a uma estratégia que teve por finalidade evitar que os colonialistas portugueses constituíssem mais bases militares ao longo da fronteira do Congo com Angola e em paralelo com Teixeira de Sousa»[6].

A ofensiva é comandada por Gamboa Chivala, que viria a morrer mais tarde no Moxico. Não se sabe o número exato de vítimas. A propaganda dos jornais da metrópole calculou em cerca de 500 mortos, mas todos ligados aos rebeldes. A única certeza é a morte do chefe da PIDE da cidade, confirmada depois pelo governador Rebocho Vaz, em entrevista a um jornal publicado em Luanda[7], em que garante que o polícia português morrera «lutando e vendendo cara a luta».

Os dois ataques – a 4 e 25 de dezembro – entraram para a História da UNITA e, durante décadas, as duas datas carregam uma carga simbólica no pensamento de Savimbi. Posteriormente, em várias alturas, o líder da UNITA ameaça «chegar a Luanda» ou atacar pontos estratégicos inacessíveis usando como metas essas datas míticas.

Por outro lado, o ataque à cidade Teixeira de Sousa funciona, para a UNITA, como uma verdadeira prova de vida. A partir daí, Savimbi consegue colocar o seu movimento no mapa internacional dos guerrilheiros que combatem os colonialismos. Os tais *freedom fighters* africanos que recolhiam apoios um pouco por todo o

[6] Entrevista «Resistência em busca de uma nova Nação», de Jonas Savimbi, em 1979.
[7] Entrevista de Rebocho Vaz à *Província de Angola*, em 28 dezembro de 1966.

mundo. No princípio de 1967, sempre usando o armamento rudimentar, como catanas e canhangulos e algumas armas capturadas aos portugueses, tanto colonos como militares, a UNITA classifica como «zona libertada» uma vasta área do Kuango-Kugango, perto do Sul de Malanje.

As ações guerrilheiras tinham ainda o mérito de cativar mais nacionalistas para a causa. Quando abandonou a FNLA, Jonas Savimbi deixou para trás outros militantes que, mais tarde e após os ataques no interior, vieram a aderir à UNITA, largando também o movimento liderado por Holden Roberto. Foram os casos de Miguel N'Zau Puna, Tony da Costa Fernandes, ambos originários de Cabinda, José N'Dele, António Dembo e António Vakulukuta. Todos eles viriam a ter papéis decisivos em vários momentos na História da UNITA.

Durante todo o ano de 1967, a UNITA repete as ofensivas, esporádicas, em zonas remotas, mas que servem também para conquistar a população do interior de Angola. Jonas Savimbi inicia assim a formação da sua base de apoio, quase até à sua morte. São sobas, regedores (chefes de aldeias) e população rural que começam a sustentar os guerrilheiros: não só com alimentação, mas também fornecendo armas, roubadas ou adquiridas clandestinamente na Zâmbia. Ideologicamente, o movimento sustentava que Angola era constituída por vários povos e várias nações e que seriam eles, dando cada um uma parte da sua História e da sua cultura, que deviam lutar pela Independência.

Além do apoio interno, o reconhecimento internacional das ações da UNITA é cada vez mais visível e dá projeção a Jonas Savimbi, por um lado, mas por outro, traz-lhe os primeiros dissabores. Ao mesmo tempo, alertam as tropas coloniais para uma nova frente de batalha que se abria em Angola.

Até 1966, a Organização da Unidade Africana (OUA), criada a partir das independências alcançadas entre 1958 e 1960, apenas reco-

nhecia, como combatentes, o MPLA e a FNLA. Um reconhecimento internacional que ultrapassa as fronteiras de África. Os Estados Unidos apoiam a FNLA; o MPLA recolhe apoios na União Soviética, em todo o Bloco do Leste europeu e é aconselhado por dirigentes cubanos e argelinos; a China respeita o princípio de apoiar todos os que lutam contra o colonialismo. Ou seja, a UNITA é a única força, no terreno, que sobrevive sem um apoio permanente e sustentado fora do território africano.

Mesmo assim, com essa importância internacional adquirida, a UNITA abre outra frente que seria uma das suas «peças» mais valiosas durante a guerra contra os portugueses e posteriormente contra o poder do MPLA, pelo menos até meados dos anos 1990: as representações diplomáticas. Apoiados pelas igrejas protestantes, nuns casos, noutros por organizações internacionais, havia angolanos a viver e a estudar no estrangeiro. Alguns deles, como Jeremias Chitunda, nos Estados Unidos, e Jorge Sangumba, em Inglaterra, começam a fazer-se representar como «delegados» do movimento de Jonas Savimbi. A eles juntam-se Ernesto Mulato, também nos EUA, Tony da Costa Fernandes, também em Londres, e José N'Dele, na Suíça. São eles que propagandeiam as ações da UNITA, nos países onde estão instalados. Noutros pontos, contam com o apoio da SWAPO, do ANC e da ZANU.